



# Gaiato

20 DE ABRIL DE 1968

ANO XXV — N.º 629 — Preço 1\$

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARI  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## O HOMEM, ESSE ESQUECIDO

É o Tempo Pascal. Cristo enche-o, mais sensivelmente do que qualquer outro tempo.

Primeiro, a «Sua hora», a hora para que veio ao mundo: a Sua morte.

Depois, a nossa hora, a hora da Vida para o homem, a hora perdida pelo homem no princípio da Humanidade, que Ele resgatou por Sua morte e nos restituiu pela Ressurreição.

O triunfo do Filho do Homem é o triunfo dos filhos dos homens, quando estes aceitam identificar-se com Cristo na morte para a Vida! «Se o grão de trigo, ao cair na terra, não mor-

rer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto». «O que se prende à vida neste mundo, perdê-la-á; e o que perder a sua vida por Meu amor, achá-la-á». — É o mistério da morte que transforma a vida em Vida.

Não há outro caminho para pôr o homem no lugar que lhe compete de protagonista da História, senão cada homem viver esta sabedoria que Cristo nos anunciou pela palavra e pelo exemplo.

Pretender o homem expulsar da sua vida neste mundo a mortificação, operante até à morte, é utopia. Todos os séculos passados são demonstração. E o nosso tempo, com o esplendor de respostas e comodidades que a Ciência e a Técnica põem à disposição do homem, não o faz mais feliz que os tempos passados, nem sequer o torna mais estável no trono sobre a Criação para ele feita, quando, como nunca, uns aos outros se disputam a realeza em que, por Deus, todos foram instituídos.

Quando os homens se esquecem do Filho do Homem, esquecem-se também do homem. Que lugar tem este para eles na escala dos valores que consideram?

Por amor de mais poder, de mais riqueza, de mais comodidade, os homens progridem na ciência das coisas e no domínio das técnicas que as fa-

Continua na SEGUNDA página



Tónio, Zucaca, «Eusébio» e Raimundo dançando o «Kuelá».

## Setúbal

São eles, os rapazes, que me dão força de escrever. Pela sua insistência: «Nunca mais escreve pró jornal. Olhe que a venda está a descer. Olhe que os fregueses refilam se não vêem Setúbal. Olhe que não disse ainda nada sobre as festas. Já escreveu?» Insistem sem desânimo. Que bom!... Se não fôssem eles, como aguentar?

O Laurindo, vem-me com um ultimato: hoje tem de mandar uma crónica sobre as festas.

Aí vai ela:

Todos os anos no fim das festas, ao vê-los desgastados, mais a quem os ajuda, eu ponho uma solução: Pró ano não vai haver festa.

A gente não aguenta. As festas não compensam. É uma resolução, fruto do cansaço. Eles não. Começam a maquirar. Há números que não saíram por não estarem bem ensaiados e são já um princípio de programa. O Júlio em Paço de Sousa levanta a lebre, e ninguém quer ficar atrás. Eu fico moído. Não entro nos ensaios. Não me deixam, nem tenho tempo, mas sei que eles passam sempre da meia noite. Há dias vinha carregado de problemas, fui ao ensaio e disparetei: Fiz ir toda a gente para a cama.

Os rapazes entusiasman-se, e o entusiasmo vence-lhes o cansaço. Ideia puxa ideia, iniciativa outra iniciativa. Um diz que fica melhor assim, outro assado e lá vão eles cozinhando e maquirando o programa que vai mexer a alma de todos.

É esta a grande paga que fica das festas: o fruto deles, que fica neles! **Eles vencem-se!**

Outra que todos esperamos com viva ansiedade é o encontro com os nossos amigos.

Precisamos do seu calor, do seu carinho, da sua doação. E do dinheiro.

A Festa traz tudo isto!...

Começou a venda dos bilhetes e os melhores lugares já se esgotaram.

Continua na SEGUNDA página

## Festas

Donde estou vou apreciando e vou-me babando com a azáfama que vai na eira. A tarde está soalheira e a eira é espaçosa. O Carlos Manuel e os mais responsáveis pelas festas aproveitam o sol e o espaço e andam às voltas com os cenários. Ele cintas de papel, ele tiras de pano, ele pincéis na mão, eles viram e tornam a virar. De há tempos para cá não houve mais hora de deitar. Os

ensaios todos os dias se prolongam até altas horas.

Todo o clima da casa é de alvoroço e de entusiasmo. Não há indiferentes. Todos querem participar nas festas. E tudo se movimenta para um bom resultado. Até eu não sei o que sejam uns momentos despreocupados. As horas são todas contadas e o dia todo nunca chega.

Continua na QUARTA página

## Calvário

Hoje tenho-me lembrado tanto de Tobias — aquele homem do Antigo Testamento, que, às escondidas e pela calada da noite, sepultava os mortos que os bárbaros do seu tempo faziam tombar pelas ruas.

É que recebi aviso do Tribunal desta Comarca de Paredes, afim de apresentar caução, no processo correcional que me é movido por via do cemitério que erguemos na nossa quinta de Beire, onde temos ultimamente deposto aqueles que o Senhor vai chamando, aqui no Calvário.

A história começou há quatro anos. Numa casa de incuráveis, como esta, o índice de mortalidade é naturalmente elevado. Por isso, superlotámos, em escassos anos, os dois cemitérios mais vizinhos. E, porque tínhamos de encarar os futuros óbitos, informámos da situação a respectiva Câmara, a qual concordou com a construção de um cemitério privado. Um concelho vistoriou o local e apro-

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



Cont. da PRIMEIRA página

Vale mais prevenir do que remediar.

x x x

Ontem, domingo, depois do almoço fui prá cama. Precisava de revigorar forças! Um rapaz precisava de me falar. Sim senhor. Estávamos quase no fim do diálogo quando o Daniel entra fogueiro:

— Sepacilo, está ali um senhor que lhe quer falar.

— E onde está ele?

— Está mesmo aqui à porta.

— Então que entre.

Pela familiaridade vi logo que era um amigo.

O Senhor entrou. Eu contivei recostado. Não me podia

levantar. Afinal não conhecia o Senhor. Ele conhecia-me, mas não a minha cara.

Um rapaz novo. Alto. Vestia escuro e tinha cara de homem. É leitor assíduo de «O Gaiato».

«Vinha entregar só uma importância». Não se quis sentar. Não se quis apresentar. Não disse nada. Tinha a mão fechada e na minha, que eu fechei, deixou seis mil escudos! Eu escondi e fiquei abismado no mistério do amor de Deus!

Porquê hoje em que não havia mais nenhum dinheiro? Eu tinha-me estado a lamentar do peso enorme que são para o meu espírito os encargos materiais contraídos!...

Porquê?

O Senhor desapareceu. Deus ficou presente! Deus foi com Ele, temos a certeza. Nós não estamos habituados! Deus nunca nos deixe habituar!

O mistério é sempre algo que nos inebria, arrebatava e põe mais perto do Misterioso.

Padre Acílio

Visado pela Comissão de Censura

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Continuação da QUARTA pág.

chegarà às mãos, pois quase sempre mando em vale de correio».

Que bom, o problema da Viúva não ter caído em saco roto! Pois que o Senhor continui a abrir os olhos e a bolsa dos nossos leitores!

A terceira é de algures. Tomem nota da delicadeza e oportunidade:

«Para ser uma das 80 pessoas que pediram de Ordins que levassem uma camisola, aqui vem deixar 60\$00 para uma, que depois o Júlio entregará à pobre da Conferência que mais precisará».

Cumprimentos de A. C. P.».

A última é um monumento! Ajoe-lhemos. E invoquemos mais graças do Senhor para este Pai adoptivo que nos vai falar:

«Segue em vale de correio 200\$00 para distribuir 50\$ para a Conferência».

Só uma indicação: sou um simples empregado de bilhares em Braga; também já tenho criado rapazes abandonados de tenra idade, um já é Pai de 8 filhos, outro chegou este mês da vida militar com 3 anos ao serviço da Pátria mas ainda solteiro, e o 3.º está em minha casa também des-

de os primeiros dias que veio ao mundo, hoje com 3 anos de idade.

O que envio é o primeiro dinheiro ganho do que veio da vida militar livre de perigo e sem castigo algum.

Por todas estas graças recebidas do Senhor ponho esta pequena dádiva em nome dos Pobres... segundo a minha intenção».

Depois disto, que dizer mais?! Só um demos graças a Deus.

Júlio Mendes

## Lourenço Marques

Andamos em obras na Casa do Gaiato — o acabamento do portão da entrada que liga à avenida que vai para a nossa Aldeia.

Dos lados da avenida já temos as casas dos casados, uma delas é para o mestre carpinteiro, a outra casa para o encarregado do campo. No fim da avenida vamos começar a Casa-Mãe, que é uma das primeiras a fazer. Contamos com as vossas ajudas.

A «Sal Produtos» ofereceu-nos 100 pintalinhos, que agora estão frangos, e contamos com mais 50. Temos mais uma vitela, e 6 vacas dumavez, que nos ofereceram.



me também 1 camisola, quero atender ao vosso apelo». Novamente Porto com 2 camisolas. Braga, 1 camisola e um par de sòquetes. Lisboa: «Acabo de receber a encomenda que fiz das camisolas e sòquetes. Gostei imenso de tudo, não fazia ideia do vosso trabalho, terão em mim uma propagandista. Parabéns à que fez o trabalho». Por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, 30\$ para uma camisola a oferecer a 1 Pobre. Mandeia-a para o, Calvário, junta com outras. Ilhavo, 1 camisola. Lisboa: «Li o vosso apelo, e para diminuir o lote peço 1 camisola». Mais 5 pessoas de Lisboa, pedem camisolas; uma delas, diz assim: «Cá recebi as 4 camisolas, que sábado ou domingo, penso levá-las ao Tojal, para os nossos Gaiatos estrear na Festa». Se lerem atentamente verificarão que foram poucas as pessoas que corresponderam. É mesmo uma gota de água, no oceano imenso de 50.000 leitores. Como já disse, deixamos de trabalhar de costura, mas ficaram-nos 8 fatinhos ainda por vender, para rapazinhos de 3 a 4 anos. Muito engraçadinhos, e custam apenas 50\$00 cada. Espero que vão logo que leiam este artigo. A todos desejo Páscoa feliz.

Maria Augusta

O Sr. Padre José Maria tirou a carta de condução de pesados, para poder conduzir o camião que o Entrepósito nos ofereceu.

Assim, com as ajudas que nos vão dando, vamos construindo a nossa Casa.

Um Senhor dumafábrica de arames de vedação ofereceu-nos 6 Km. de arame para vedação da quinta.

FUTEBOL — A equipa da Casa do Gaiato não está em grande forma porque nos faltam os equipamentos. Se os nossos leitores quiserem oferecer um equipamento, quer dizer, camisolas, calções e meias, que botas temos o nosso sapateiro que dá um jeito... Se os nossos leitores quiserem ajudar é comprar o jornal de «O Gaiato» e dar mais alguma coisa que é para o equipamento.

Santana

# O homem, esse esquecido

Cont. da PRIMEIRA página

zem úteis. Mas retrogradam no conhecimento de si mesmos e na aceitação mútua que se deve, quando estabelecem o progresso material sobre o sacrifício dos direitos do homem. E este atropelo acontece todos os dias.

Possuir a terra e dominá-la — é preceito de Deus. Porém, esta posse e este domínio destinam-se ao bem de todos os homens, não ao de alguns, à custa de outros.

Deus fez o mundo para todos os homens e sempre estes caberão nele; e sempre ele terá resposta suficiente para as necessidades do homem. Deus fez assim e enviou o Seu Filho a dizer-nos que é assim com o testemunho do Seu sangue — chancela expressiva e evidente se a Humanidade não fosse dura de ouvido e de coração desde Caim aos nossos dias. Mas a imensa maioria dos homens, pertinaz na paixão obscecante do mundo e dos bens que ele tem para oferecer, continua a não ouvir a Palavra, a não pressentir a Vida — e, julgando «amar a sua vida, perdê-la-á».

É a diabólica ilusão de tantos homens, presos a este mundo, à orgulhosa construção de nova Babel — esquecidos do Filho do Homem («Em vão constrói quem não constrói com Ele!»), esquecidos dos outros homens, esquecidos de si mesmos!

Tempo Pascal é desde que Cristo ressuscitou. Que Ele encha o tempo de todos os homens; que estes aceitem identificar-se com Ele na morte para a Vida — e a Humanidade, tenderá, enfim, para a felicidade possível neste mundo.



## Auto-Construção

Os homens empregam o tempo de maneira bem diversa. Uma vida, um ano, um mês, uma semana ou um dia não têm a mesma duração para todos os indivíduos. Uns tantos vivem mais em trinta anos que outros em sessenta. A chave de muitos triunfos ou de muitas derrotas estará, em grande parte, no emprego do tempo. Ninguém poderá ter aquele mínimo de felicidade que todos aspiram, se não empregarem bem o seu tempo. Não há uma regra única para todos os homens, não há um critério absoluto e universal. Mas, dentro da diversidade natural, tem que se procurar a convivência, a verdade, a lei, a consciência, a justiça, a caridade. Num conceito bem primário, bem pouco verdadeiro de liberdade, poderá alguém pensar que pode empregar o seu tempo conforme lhe apetecer. Talvez julgue que pode passar dias a «matar o tempo» na frase conhecida. Mas não. O homem é consumidor e produtor. Todo o indivíduo consome; todo o indivíduo deverá produzir. Consumir mais que a produção é a falência. Será assim com os indivíduos, será assim com as famílias, será assim com as nações. Quem não souber o que é austeridade nunca terá tempo para ser Auto-Construtor. Mas quem se

preocupa com aprender a exercitar-se e empregar bem o tempo? Parece, ainda, que no mundo nunca houve tanto dinheiro. Milhares, milhões, bilhões. Qualquer remediado de hoje tem mais dinheiro que o muito rico de há anos. Para se conhecer a qualidade de um homem nada há como observar como gasta o seu dinheiro. Os dois perigos maiores serão ou não gastar ou gastar mal. Não gastar por comodismo, por medo, por preguiça, por desleixo é trair a função de qualquer riqueza. Com efeito toda a riqueza tem uma função individual. O dinheiro, pequenino objecto que pode valer coisas grandes, foi inventado para facilitar, para tornar praticável a vida social em qualquer parte. A experiência de todos os dias nos diz que o dinheiro é uma ocasião que pode ser do bem ou do mal. Muitas famílias, se não têm casa, não é por não terem possuído dinheiro, mas sim por o não terem sabido usar bem. Mas quem ainda hoje se preocupa com este verdadeiro problema de consciência e pergunta a si mesmo, a sério: — Como gasto eu o meu dinheiro?!

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Decerto todos se lembram ainda, do último apelo que fizemos no Gaiato! Pois bem! Hoje, quem vai falar são todos aqueles que corresponderam. Não ponho o nome das pessoas, porque muitas assim o desejam; por isso, vai a localidade, para onde foram as camisolas. Foz do Douro: «Porque ficaram tantas camisolas, se este inverno, foi tão frio, e há tanta pobreza a precisar delas! Vamos lá ver se ajudamos a descongestionar o lote». Na volta do correio foram as que pediram. Alcobaca: «Há coisas, em que não podemos deixar de ver a mão de Deus. Estive ontem à conversa, com uma Amiga, referindo-me não ver há muito no Gaiato notícias de Ordins. Hoje recebo o jornal e deparo logo com o artigo». Esta Senhora pediu uma camisola e mandou medicamentos, que muito agradecemos. Vila Real — manda 600\$ para camisolas e chales, e diz: «Que pena não haver muita gente que se interesse por essa Obra». Lisboa, 1 camisola. Anadia, 1 camisola. Vila Nova de Gaia, requisita uma camisola. Vila de Rei: «Quero ser uma das pessoas incluídas na ajuda das camisolas. Mande-me 2». Lisboa, pede 3, uma de cada tamanho. S. João da Madeira: «Li ontem no jornal o seu apelo, apresso-me a dizer-lhe, que ofereço 2 camisolas, uma a cada velhinha, ou doente». Fez-se conforme seu desejo. Porto, pede 2 camisolas bonitas e quinhentos. Lisboa: «Peço para mandar uma camisola às Belenitas, a Mãe Inês a dará à que mais precisar. Tenho pena não as poder comprar todas». Alijó, pede 2 camisolas e 1 par de sòquetes: «Tenho muita admiração, por todas as Obras de Pai Américo, porque tudo quanto fez, foi para bem dos necessitados». Porto: «Mande-



Diz um rifão popular: «Aprender até morrer». E a sabedoria humana confirma.

Cá vai um exemplozinho dos muitos que poderíamos colher no nosso dia a dia.

Um dos nossos, quase doutor, estava a tomar o cafézinho comigo junto ao fogão, como é tanto do nosso gosto. Chega-se à beira uma das Senhoras, que agora se prepara para ir continuar a servir uma das nossas Casas de Angola.

Recordando-lhe velhos tempos, o nosso doutor que, como todos, também passou pela limpeza da cozinha, conta das partidas que pregava à Senhora e também das coçadelas de orellhas que apanhava quando mecia.

— A Senhora era exigente e atenta, mas levámo-la muitas vezes ao «cebo».

Ela protesta que não, que não se deixava «comer».

— A Senhora lembra-se que todos os dias contava os chouriços que ficavam no fumeiro?

— Sim, pois não confiava muito em vós, meus marotos.

— Nunca deu por falta de nenhum?

— Não! Nunca me faltou um.

— Ora aí é que a Senhora se engana.

— ???

— Nunca lhe faltou nenhum é certo, mas nós comíamos chouriço todos os dias.

— Não é possível, diz a Senhora.

— Ora se não é: Lembra-se que muitas vezes se queixava de que os ditos mingavam muito e nós lhe respondíamos que era do calor?

— Sim, lembro.

— Pois não haviam eles de mingar se nós os cortávamos e lhe tirávamos uma rodela



## VISTAS DE DENTRO

e depois os atávamos muito bem de maneira que a Senhora não desse por ela?

Risota geral e a Senhora sempre se convenceu de que era «comida».

Eu aprendi a lição e vou tornando nota para não vir a ser «comido» como a Senhora.

x x x

Os nossos netos são uns amores, e já são tantos graças a Deus.

Como fico contente ao tê-los a meu lado.

Três deles, filhos dum dos que cá trabalham, também andam na nossa escola com os nossos rapazes.

Todos os dias enquanto rezo a oração da manhã, os três são certos antes da escola a rezar ao Senhor presente no Sacrário da Capela que é o centro da nossa Aldeia e da nossa vida.

Cada um reza em silêncio uma oração que só o Senhor sabe; depois desses momentos de conversa com o Senhor Jesus vêm ter comigo, dão-me um beijo e lá vão para a escola.

Mas não ficam por aqui. No fim da escola da tarde não regressam a casa sem voltar a visitar o Senhor.

Que magnífico exemplo eles dão!

O que cada um diz ao Senhor não sei. Sei apenas que ao meio da tarde, quando os

meus afazeres me tentam para o activismo, me lembro deles e lá vou, como eles, receber a força que o Senhor dá e que nenhuma actividade é capaz de dar.

Obrigado Senhor por me daires nestes netos o toque que me acorda.

x x x

Já que falo de netos, cá vai uma das boas da Rosarinha, uma traquina levadinha da breca para os seus 6 anos.

Era à noitinha; na hora do terço.

Os mais velhos sentados nas escadas que dão para o pátio da escola e os mais novos nas que dão para a Capela.

Eu saía do refeitório.

Reparo que Rosarinha fazia jogo de escondidas com os rapazes mais pequenos que fica-

Continuação da PRIMEIRA pág.

*vou a ideia. Posto o que, organizou-se um processo tendente a aprovação superior. Mas a burocracia enreda tudo quanto lhe cai nas malhas. Prevendo delongas, um ano após, a expensas nossas, demos início à construção desejada. Terminada esta, e não dispondo de mais campos nos cemitérios que utilizávamos, passámos a sepultar os doentes que Deus foi chamando no nosso Campo Santo. Entretanto, comunicámos à Delegação de Saú-*

vam na ponta das escadas que dá para a Casa-Mãe. Como os visse distraídos com o jogo de Rosarinha, vou até ela.

— Rosarinha, que fazes aqui a jogar as escondidas na hora do terço?

Resposta pronta: — Não é nada! É que estão ali uns «gajos» que gostam de mim e eu estou a fazer-lhes fintas.

Pus-me sério embora com vontade de rir, e disse à Rosarinha que fosse para casa e não distraísse os rapazes.

Não há dúvida que Avelino tem de se acautelar com a Rosarinha pois ela promete!

x x x

Já que estou em maré de confidências cá vai mais uma que me dá que pensar.

Os nossos «batatinhas», agora em número notável e alguns de temperamento mais notável ainda, também prometem. Ora vejiam:

P.e Carlos mandou um deles chamar outro.

Veio o recadeiro dizer que o «Brasinha» não quer vir.

Pergunta-lhe Padre Carlos: — Qual de vós os dois é o mais velho?

O recadeiro pensa um pouco e dispara.

— Eu «arreio-lhe»!  
Cá fica registado o critério de velhice na Casa do Gaiato!

x x x

Eis dois excertos de cartas: «Mãe: mandou-me dizer que eu não lhe tinha dito em que trabalhava. Pois eu trabalho a acarretar areia em padiolas para a nossa casa ficar mais bonita à vista de Vila do Conde e na segunda-feira volto para lá».

Resposta: «Mandaste dizer que andavas a trabalhar com uma padiola para compor a vossa casa, pois isso é que é bom que a ponhas bem bonita».

Este sentir a nossa casa diz de toda uma vida de família.

Que pena eu tenho por haver tantas outras mães de rapazes nossos que não compreendam que os filhos são mais delas porque nossos.

Padre Abraão

# Lourenço Marques

Quem me dera a mim que esta Obra penetrasse no coração de todos os moçambicanos, como entraram os nossos cinco vendedores de «O Gaiato» nos de Lourenço Marques. Ele não há domingo que não apareça alguém a convidá-los para o almoço. E se puderem ir mais cedo levam-nos à praia; se de tarde vão ao cinema com os filhos. E o primeiro dia de venda, que é a sexta-feira, alguns vêm-se atrapalhados para dizer em que já têm onde ir almoçar. Vêm-nos buscar e trazem-nos no seu carro, cobertos de mimos. Eu tenho um íntimo contentamento, transbordante e muito profundo, perante tais provas de estima e aceitação destes rapazes que, não vai muito, eram farrapões e alguns mesmo vândios. Quanta transformação se operou neles e em relação a eles na sociedade que os recebe e acarinha como se filhos fôssem.

Quero aqui dizer que, graças a Deus, eles têm sido fiéis e merecedores da confiança que põem neles. Saibam que pelas suas mãos de criança, já passaram de vós para esta Casa, a passar de setenta contos nestes poucos meses que saíram com o jornal para a rua.

Não sei que admirar mais, se a fidelidade deles, se o amor verdadeiro e generoso que a população da cidade tem pela Obra da Rua, a ponto de me parecer que sem sombra de dúvida fez sua esta Casa. Pelo menos foi assim que alguém o interpretou publicamente numa assem-

bleia da Câmara Municipal, quando disse: «Esta Obra é uma Obra nossa». Naquele lugar e circunstâncias a palavra tem um valor muito alto e um sentido muito exacto. E daí que nessa mesma assembleia ficasse votada a cedência de terreno para o futuro Lar, numa situação privilegiada para os nossos futuros estudantes, mesmo perto do Liceu Salazar, Escolas Comercial e Industrial.

Mas, para já, nada de confusões. O Lar virá como um sucedâneo natural desta Casa do Gaiato. Só com ela em pleno funcionamento e com rapazes preparados para o estudo e empregos, é que o Lar vai nascer. Isso demorará o tempo da construção da nossa Aldeia. Sem rendimentos, nem subsídios de ninguém, apenas com a venda do jornal, a generosidade espontânea de alguns e o trabalho fiel dos nossos rapazes, naturalmente a demora será longa. Mas o caminho andado traz-nos cheios de ânimo e esperança. Deus é Poderoso, a causa porque trabalhamos é necessária e justa. Que mais é preciso para andarmos para a frente?

Padre José Maria

P. S. — A Farmácia Normal na Av. da República está à disposição de todos os nossos Amigos para receber pagamento de assinaturas, donativos ou qualquer recado para nós. O mesmo na casa A. Teixeira.



de, ao Governador Civil do Distrito e a toda a gente nestas colunas. Mas os mortos continuavam a ficar oficialmente vivos (como estão ainda), porque na Conservatória respectiva não nos aceitaram os registos de cada um que foi morrendo.

Ora, os doentes continuavam a chegar de todos os recantos. Entidades como Misericórdias, Hospitais, Polícia Judiciária batiam-nos à porta para que as ajudássemos a solucionar suas aflições. E nós tirávamos espinhos aqui e além. Continuámos a dar o leito final e a sepultura a tantos que a sociedade abandonou, ou não foi capaz de suportar. E, em troca, o Tribunal chamou-nos a contas, pelo crime que praticámos. Fiança ou cadeia foi a disjuntiva que nos alternaram. A Justiça é assim escrava da letra. Fria e negra como os caracteres em que é escrita. Mesmo que queiramos fazer justiça aos homens, dando-lhes aquilo que outros lhes negam, incorremos em falta. É no entanto

uma falta resultante do desleixo de quem não é acusado de faltar — o funcionalismo crónico.

Evidentemente que se trata dum acidente sem importância. Mas, quantas vezes não há graves consequências na vida de tantos, por via de igual indiferença e apatia com que se encaram os papéis que poisam nas secretárias de tantos funcionários! Ele é um doente que aguarda entrada em estabelecimento hospitalar. É um desempregado que espera o momento de começar a trabalhar. É uma viúva que anseia pela pensão com que há-de matar a fome a si e aos filhos. É um mar de gente que sofre por vezes as consequências do desmazelo e da irresponsabilidade! Quantos males não se evitavam com um pouco mais de prontidão em serviço!

O acidente que me leva ao Tribunal é de somenos importância. Mas fez-me lembrar muito aquele homem do Antigo Testamento — Tobias.

Padre Baptista



Caros leitores é pela primeira vez que escrevo para «O Gaiato». Ele é pequeno em tamanho mas grande e rico em explicação do Evangelho. Quem o lê e o percebe do princípio ao fim, fica, certamente, com uma grande alegria interior.

**TIPOGRAFIA** — Já está a funcionar há bem perto dum ano e tem vindo a subir de rendimento mês após

mês. O mês de Janeiro, por exemplo, produziu uma média de 40 contos e Fevereiro ultrapassou aquele.

Estive há pouco tempo a fazer um trabalho de composição cujo orçamento era para cima de 2.000\$00 e, co-

mo este, muitos mais fazemos e continuaremos a fazer.

A composição é formada pelo quinteto: Rui, Teodoro, Emiliano, Jorge e o Rato, que está um compositor de se lhe tirar o chapéu devido à sua

grande força de vontade. Os senhores leitores digam lá se com estes rapazes com tão boa vontade e umas máquinhas de compôr, a nossa tipografia não ficaria esplêndida? Mas, como sabem, a primeira custa dinheiro e nós nada temos. Quem nos ajuda?

Aconteceu há dias que enquanto fazíamos serão, o nosso amigo Laurindo nos veio oferecer um cálice de vinho do Porto. É já hábito. Um sr. de Azeitão estava lá connosco e o Laurindo, bem educado como é, foi-lhe oferecer prontamente um cálice do famoso. Cheio de gratidão, o senhor prometeu levar-nos umas garrafas que tinha em casa num destes dias próximos. A gratidão! Eis aqui uma pessoa que não olha apenas para si mas também para os outros. Bem haja!

O nosso mestre é o António. Rapaz cheio de qualidades e, em virtude de na sua mocidade ter vivido uma vida um tanto ou quanto semelhante à nossa, percebe-nos bem e compreende os nossos problemas. É tão nosso amigo e tem tão grande amor à oficina que se oferece para fazer serão connosco.

O António tem um filhito que se chama Tónio e que é uma maravilha. É uma alegria para a malta vê-lo na oficina. De vez em quando encontra uma letra ou filete no chão e vai logo entregar ao pai. Para ele aquilo significa dinheiro. Mas para os nossos rapazes, tantas vezes, aquilo não vale nada. Isto assim não pode ser: — nós somos pobres e vivemos do que nos dão.

**FUTEBOL** — Há já muito tempo que não jogamos com nenhum grupo. Eu não sei se é medo das jogadas ou se é receio de verem os buracos que as nossas pobres chuteiras têm. Caros leitores, quanto às chuteiras é uma miséria. Se nos quiseres oferecer algumas, agradecemos o obséquio. Quanto aos equipamentos nem se fala. Têm alguns. Pois, enviem-nos.

É da tradição que quando jogamos com equipamentos novos nunca escapa nenhuma taça. Eu, na verdade, sou um pouco brincalhão mas «com coisas sérias não se brinca», como diz o velho rifão. Portanto mais uma vez vos peço para que se não esqueçam.

RUI

**Notícias da Conferência de Paço de Sousa**

A Missa da paróquia terminara. E enquanto os fiéis abandonavam o templo recolhíamos, em saquinhas, moedas para os Pobres. Normalmente, poucos se lembram de meter a mão ao bolso! Mas esse pouco é preciosa ajuda.

Era o Domingo da Multiplicação dos Pães. E fixando a mole de gente que saía do templo, digeríamos, frase por frase, a descrição do Apóstolo S. João: «Então Jesus tomou os pães e, depois de dar graças, distribuiu-os aos que estavam sentados; e com os peixes fez o mesmo, tanto quanto quiseram. Quando ficaram saciados, disse aos discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca. Recolheram-nos pois...»

Mastigámos, sobretudo, a última parte, apesar de o Discípulo amado não indicar, em pormenor, o destino imediato das sobras. Todavia, verdade seja, há que olhar bem de frente a atitude imperativa do Mestre. A Sua delicadeza; a Sua oportunidade; a Sua visão e Paternidade... É que as estatísticas são claríssimas — hoje, que vivemos no mundo delas: dois terços da humanidade passam fome. O outro terço — bem instalado e confortado — chega mesmo a desconhecer (ou a fazer que desconhece...) a miséria imerecida de seus irmãos famintos!!

Muitos fiéis entram e saem a porta da igreja, tranquilos no seu viver. A nossa miséria! Que nos cega, frente à Miséria dos outros, que sofrem pacificamente o mal do nosso egoísmo, tantas vezes feroz! E que produz tantas desavenças! E chega mesmo a opor nações, de armas na mão!...

Que oportuno foi o Senhor na Sua delicadeza imperativa! Aconselha —

exige dos fartos — que as sobras são, por justiça, do irmão que sofre. Nem todos compreendemos assim!...

Chorei aqueles minutos à porta da Igreja. Chorei os meus, os nossos pecados. Chorei a nossa fraqueza, o nosso egoísmo!

E lembrei ao Senhor que a Páscoa não tarda. Estamos de tanga... Precisamos, ao menos, de sobras. De muitas sobras! Pois é costume em vésperas do Domingo da Ressurreição, irmos de saco às costas, discretamente, a casa dos Pobres, depositar na sua mão um Folar melhorado. Um pouco mais do que de quinze em quinze dias...

Como estamos depenados, passámos a súplica ao Pároco — representante do Mestre na comunidade eclesial. Ouviu. Interessou-se. E foi transmitida aos fiéis na última Ceia dominical. Estendemos o saco ao Ofertório. E a colheita passou de um conto de réis!

x x x

**O QUE RECEBEMOS** — Aqui vão 20\$00 de A. F. Mais calçado de Fontelo — Vila do Conde. E 100% de Uma assinante, de algures. Mais 20\$00 da Maria Leonor nos anos da sua avózinha, para que Deus lhe dê muita saúde. O Família Cristã alicerce do Mundo! E depois vieram mais 20\$00. Afinal é a conhecida assinante 17740, já da Família da «Obra da Rua» há tanto tempo! Mais 200\$ da Rua Alves Torga — Lisboa. E quatro vezes menos de Maria da Glória — Porto. Agora, é a assinante 17022, com 40\$00. E 50\$00 da assinante 10672. E roupa de Abóbora (Oeiras). E 100\$00 de Florinda, com um pedido tão cristão: «Peço uma oração à hora do Terço pela alma de meu querido Marido». Bendita Família Cristã, repito! O Mundo será tanto mais tranquilo — e mais cristão — quanto melhor e mais santas forem as Famílias. E nós somos, ainda, tão falhos! E, sobretudo, encaramos a vida conjugal e familiar tão à deriva — tão materialisticamente! Vamos acordar, nesta Hora post-conciliar, para a santificação familiar e conjugal. Vamos acordar para a beleza da vida de Família. A Igreja — sempre a tempo com o Tempo — já deu mais um passo em frente. Atendemos na riqueza, na profundidade e actualidade dos Centros de Preparação para o Matrimónio. O Mundo será tanto mais santo, e viverá mais pacificamente quanto melhor encararmos as virtudes excelentes da grandeza do Sacramento a dois — síntese da unidade familiar.

Mais 60\$00 de um grande Amigo do Porto. A cidade Invicta jamais falta quando outros se esquecem. Viva o Porto! E 20\$00 de uma Amiga da primeira hora. É da Murtoza. Um abraço extensivo a seu bom Marido. Mais uma nota de 20\$00 de Lourenço Marques. É de uma Funcionária dos C. T. T. U., entusiasmada com a nossa presença em terras de Moçambique, aliás bem perto da sua repatrição. Outra vez a assinante 17740!! Pois que Deus a ajude.

Temos cartas que seria profanar escondê-las! Aqui vão sem tirar nem pôr.

A primeira é de Carcavelos:

«Junto envio 20\$00 para ajuda da renda da casa da viúva que tem uma filha e de que fala no Gaiato de 24 de Fevereiro que hoje recebi.

Com os votos de que muitos mais 20, se juntem aos meus.

A assinante 13582».

A segunda é de Vilar Formoso:

No último jornal «O Gaiato» li a notícia daquela pobre viúva que vou lhe pedir auxílio para a renda da casa.

Acredite que estas coisas me chocam imenso e, só eu queria ter muito para poder suprir estas faltas todas, mas, também temos de trabalhar para viver. No entanto, das minhas economias, junto um vale de 100\$00 que aplicará para ajuda da renda da casa desta dita viúva, com a promessa de que sempre que possa, enviar-lhe-e alguma coisinha.

Já por várias vezes tenho mandado alguma coisa, julgo que sempre vo-

Continua na SEGUNDA página

**FESTAS**

**EM ABRIL**

**DIA 20**  
às 21,30 h.

**Cine Teatro da Lousã**  
Bilhetes à venda nas bilheteiras e na Casa Havanesa.

**DIA 21**  
às 21,30 h.

**Incrível Almadense Almada**

**DIA 22**  
às 21,30 h.

**Cine Teatro de Tomar**

**DIA 24**  
às 21,30 h.

**Luísa Tody — Setúbal**

Dias úteis: Papelaria Campos, Largo da Misericórdia; Lar do Gaiato, Av. Luísa Tody, 38, Telef. 24620; Oficinas da Casa do Gaiato, Largo das Areias, Tel. 23054. E todos os dias nas bilheteiras do Luísa Tody.

**DIA 25**  
às 18,30 h.

**Monumental — Lisboa**

Bilhetes à venda: Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13, Telef. 861939; Montepio Geral, Rua do Ouro, 241, Telef. 361555; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, Telef. 361406; Casa do Gaiato — Tojal — Loures, Telef. 2539019; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c Dto., Telef. 666333 (15 dias antes do espectáculo).

**DIA 26**  
às 21,30 h.

**Casino da Figueira da Foz**

**DIA 26**  
às 21,30 h.

**Salão Paroquial da Amadora**

Bilhetes à venda no Salão Paroquial

**DIA 28**  
às 18,30 h.

**COLISEU DO PORTO**

Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

**DIA 28**  
às 21,30 h.

**Humanitária de Palmela**

**DIA 29**  
às 21,30 h.

**Cine Teatro da Covilhã**

Bilhetes à venda na bilheteira e Jerónimo dos Santos - Seguros.

**DIA 30**  
às 21,30 h.

**Cine Teatro da Guardunha Fundão**

**DIA 30**  
às 21,30 h.

**Cine Teatro de Montijo**

**EM MAIO**

**DIA 1**  
às 21,30 h.

**Cine Teatro Avenida Castelo Branco**

Bilhetes à venda nas bilheteiras, na Casa Pinto e nas Papelarias Semedo e Elias Garcia.

Cont. da PRIMEIRA página

O que mais me encanta é a vontade com que todos andam. Ninguém quer ficar de fora. Cada um se prontifica a colaborar naquilo de que é capaz. As festas são neste momento o assunto dominante.

As duas últimas semanas foram de contacto com as terras do Centro que ainda esperam receber-nos e onde, pela venda de «O Gaiato», já temos muitas raízes. Foram dias e parte de noites que jamais esqueceremos. Tomar, Figueira da Foz, Covilhã, Castelo Branco, Fundão e Lousã vão ter-nos em ambiente de festa, pela primeira vez. Não somos capazes de dizer qual destas terras nos recebeu melhor no interesse que manifestaram pela nossa ida. Os donos dos Cine Teatros ficaram de braços abertos, pessoas amigas dinamizaram grupos na venda de bilhetes, casas particulares abriram suas portas para nossa comida e dormida.

Eis uma carta que o correio trouxe hoje de Castelo Branco: «Com a maior alegria por poder estar convosco nesta vossa vinda aqui, venho dar as primeiras notas. As casas que escolhemos para depositárias de bilhetes rejubilaram com a colaboração a dar na venda.

Eu queria pedir o favor de me informar tão cedo quanto possível, se já têm alguma coisa quanto a alojamento e tudo o mais para, caso contrário, tratarmos de tudo. Volto a dizer que é de toda a alma e coração que faremos o melhor que pudermos, certos de que Deus estará connosco. O encher da casa é já caso certo, pode crer».

Se Deus quiser estaremos na Lousã em 20 de Abril, em Tomar a 22 do mesmo mês, na Figueira da Foz em 26 do mesmo, na Covilhã logo no dia 29, no Fundão em 30 e em Castelo Branco a 1 de Maio. Serão noites de grande alegria espiritual e sê-lo-ão de são convívio familiar pois as nossas festas têm este condão e esta é a nossa mensagem.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE